

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, POESIA E LOCALIDADE

EDUCACIÓN AMBIENTAL, POESÍA Y LOCALIDAD

ENVIRONMENTAL EDUCATION, POETRY AND LOCALITY



Elba Aurora CASTRO ROSALES ¹
e-mail: elba.maestria@gmail.com



Francisco Javier Reyes RUIZ ²
e-mail: reyesruiz7@hotmail.com

Como referenciar este artigo:

CASTRO ROSALES, E. A.; RUIZ, F. J. R. Educação Ambiental, poesia e localidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. esp. 1, e024059, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19iesp.1.18205>



| Enviado em: 28/06/2023
| Revisões requeridas em: 30/01/2024
| Aprovado: 05/03/2024
| Publicado em: 27/04/2024

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Centro Universitário de Ciências Biológicas e Agrárias (CUCBA) da Universidade de Guadalajara (UdeG). Guadalajara – Jalisco – México. Coordenadora do Mestrado em Educação Ambiental, Departamento de Ciências Ambientais.

² Centro Universitário de Ciências Biológicas e Agrárias (CUCBA) da Universidade de Guadalajara (UdeG). Guadalajara – Jalisco – México. Professor-pesquisadora do Mestrado em Educação Ambiental, Departamento de Ciências Ambientais.

RESUMO: Na poesia, chamar os lugares pelo seu nome carrega uma emoção poderosa para olhar e compreender de perto a terra que habitamos. No entanto, a tradição literária moderna produziu símbolos tão uniformes quanto abstratos. Apesar disso, a poesia cria seus próprios registros para olhar o esplendor ou a deterioração desses locais batizados pela tradição. Neste artigo, os autores compartilham os resultados de uma extensa investigação interdisciplinar construída sob as perspectivas críticas antropológicas, estéticas, da teoria ambiental e ecocrítica, com propósitos pedagógicos para responder à pergunta ‘O que a poesia contemporânea do oeste do México diz sobre a natureza no contexto da crise planetária e civilizatória? Os resultados referem-se aos sentidos que a natureza adquire para desdobrar leituras pedagógicas voltadas para re-territorializar o oeste mexicano, como contraponto à cultura dominante que esbate as particularidades da terra, afastando-nos da natureza da qual somos parte intrínseca.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental. Literatura. Poesia. Antropologia crítica. Ecocrítica.

RESUMEN: En la poesía llamar a los sitios por su nombre entraña una emoción poderosa para mirar y comprender cercanamente a la tierra que habitamos. Sin embargo, la tradición literaria moderna ha producido símbolos tan uniformes como abstractos. Pese a ello, la poesía crea sus propios registros para mirar el esplendor o el deterioro de aquellos sitios bautizados por la tradición. En este artículo se comparten hallazgos de una investigación amplia e interdisciplinaria construida bajo perspectivas críticas antropológicas, estéticas, de la teoría ambiental y la ecocrítica, con fines pedagógicos para responder ¿qué dice la poesía contemporánea del occidente de México sobre la naturaleza?, en el contexto de crisis planetaria y de civilización. Los resultados refieren a los sentidos que adquiere la naturaleza para desplegar lecturas pedagógicas tendientes a re-territorializar el occidente mexicano, como contrapeso a la cultura dominante que desdibuja las peculiaridades de la tierra, alejándonos de la naturaleza de la cual somos parte.

PALABRAS CLAVE: Educación ambiental. Literatura. Poesía. Antropología crítica. Ecocrítica.

ABSTRACT: In the realm of poetry, the act of naming places serves as an intricate practice that profoundly shapes our perceptions of the land we live in. In contrast to the prevalent tendency in modern literary traditions to use abstract and standardized symbols for locations, poetry establishes unique linguistic registers to both appreciate the magnificence and acknowledge the deterioration of sites traditionally named by human communities. This paper synthesizes the outcomes of an interdisciplinary investigation that integrates critical anthropology, aesthetic studies, environmental theory, and ecocriticism. By delving into contemporary poetry from Western Mexico, the analysis explores the pedagogical utility of poetry, addressing the question: 'What insights does contemporary Western Mexican poetry offer about nature amid the planetary and civilizational crises?' The article unravels diverse connotations of nature in poetry, suggesting novel pedagogical interpretations to re-territorialize the identity of Western Mexico. This initiative counters the prevailing cultural trend that tends to obscure the distinctive attributes of the region, thereby restoring the integral connection between humans and the nature they are an intrinsic part of.

KEYWORDS: Environmental education. Literature. Poetry. Critical anthropology. Ecocriticism.

Introdução

Segundo as Nações Unidas (2023), a América Latina concentra 80% de seus habitantes nas cidades. A origem colonialista desses espaços reflete os modelos onde a "civilização" se representa em oposição direta aos ambientes "selvagens" ou naturais. Assim, a experiência de vida que as cidades dão aos seus habitantes é a cisão ou, pior ainda, a negação de seus laços com as dobras planetárias; o que os torna indiferentes aos sinais de sua riqueza natural ou à vulnerabilidade ambiental que esses espaços apresentam. Nesse sentido, a ecocrítica, corrente literária preocupada com a geração de símbolos culturais que ancoram as sociedades à natureza concreta de seus territórios específicos, por meio de criações literárias, aponta que as cidades expressam e alimentam uma experiência de desenraizamento e alienação: "Ver uma árvore, uma planta ou um pássaro sem saber distingui-la e nomeá-la, é, dada a variedade muito limitada de espécies que habitam os ecossistemas coxos de nossas cidades contemporâneas, talvez o sinal mais revelador de nossa alienação: o finíssimo cordão umbilical que continua a nos prender à 'natureza', deixa os seres humanos indiferentes", aponta Binns (2004, p. 52, tradução nossa), expoente da ecocrítica.

A modernidade aumentou o sentido de divisão das sociedades a partir da natureza que as sustenta. No início do século 20, foram gerados símbolos com expectativas excessivas em relação à industrialização, principalmente nas metrópoles. Por mais de meio século, produções humanas como o conhecimento e as artes se somaram ao desprezo pelos espaços "rurais" ou "selvagens" para destacar aqueles relacionados à próspera industrialização urbana. Para Augé (1992), esse processo de distanciamento deu origem à supermodernidade atual, produzindo "não-lugares", ou seja, espaços carentes de identidade, relacionalidade e memória, "onde a solidão é vivida como um excesso ou esvaziamento da individualidade, onde só o movimento das imagens nos permite vislumbrar, borrado às vezes, aqueles que as assistem desaparecem. a hipótese de um passado e a possibilidade de um futuro" (Binns, 2004, p. 92, tradução nossa). Os habitantes do mundo contemporâneo borram seu enclave planetário e a consciência de seu tempo como seres vivos, sem compreender sua localidade, seus limites ambientais e existenciais.

Para o filósofo Pagés (2016), a sociedade atual vive uma constante precariedade simbólica (séria dificuldade de acesso ao pensamento abstrato), bem como de interpretação, devido à experiência de vida oferecida por uma sociedade altamente tecnologizada, especialmente nas relações pessoais e que está sob a hegemonia do discurso científico para

explicar sua realidade. Não se trata apenas da perda da produção de sentidos, mas também de um aumento do custo da interpretação (isto é, da reflexão e da autocrítica que essa prática acarreta, na teoria de Gadamer), produzida pela globalização, à qual se soma a perda da memória do patrimônio cultural (das Humanidades, da História, da Arte, da Filosofia) em instituições tão importantes como a escola e a família. Isso, aliado ao chamado presentismo, que é a sensação produzida pela impressão de "descontinuidade (às vezes até ruptura) na ligação entre hoje e ontem na perspectiva do amanhã como horizonte de futuro" (Pagés, 2016, p. 266, tradução nossa), se desdobra em um resultado preocupante do ponto de vista educacional: seres humanos muito limitados em sua capacidade de refletir sobre seu mundo, suas vidas, seus desafios como espécie, presos na solidão e com pouca criatividade para enfrentar sua existência.

Segundo a ecocrítica, a poesia, no contexto atual, busca gerar um equilíbrio entre o ser e o ser (Binns, 2004, p. 64). Ou seja, busca um equilíbrio entre "ser" (conceito abstrato), que produz símbolos genéricos e "previsíveis", sob a herança do modernismo, e "ser" que permite "atenção focalizada", nas palavras de José Emílio Pacheco (Binns, 2004, p. 64). Isso reflete a busca por uma participação situada, concreta, imersa na natureza. Em outras palavras, a ecocrítica analisa se a poesia consegue superar o caráter desconectado do ser humano com as redes naturais, por meio da produção de referências literárias que emergem da experiência particular de experiência direta com o mundo (Binns, 2004, p. 76).

Tal perspectiva coincide com a proposta de Bruno Latour (2007, 2012, 2017), que exige a necessidade de superar o significado predominante da natureza como algo inerte e, ao contrário, alcançar uma maior e crescente multiplicidade de associações de seres humanos e não humanos. Escobar (2016) e Noguera (2018) terão que se juntar a essa posição, apontando a era atual como a era da poesia que torna possíveis realidades consideradas impossíveis.

Essas posições carregam uma potencialidade pedagógica, pois contêm a proposta de um pensamento ambiental, a partir do qual se promove a produção de signos e símbolos de uma cultura que tende a compreender a particularidade planetária em que é habitada.

Aprendendo a coabitar a localidade

A educação ambiental, iniciada há 50 anos, tem centralidade pedagógica no território³, Esteva e Reyes (1999). Ou seja, a preocupação internacional que alertava para a deterioração do meio ambiente da Terra desde a década de 1970, exigia observar o curso do desenvolvimento (como modelo socioeconômico) e empreender processos em direção à sustentabilidade. O enclave pedagógico disso consistia em compreender o local no sistema global (agora diríamos em "planetarização"). É daí que nasce a educação ambiental, constantemente renovada por formulações críticas, que a levaram a abordar a ligação entre hegemonias (políticas, econômicas, culturais e científicas) com os processos de degradação das localidades. Em termos específicos da pedagogia ambiental, o território ou localidade é entendido como uma opção emancipatória ao modelo civilizatório ocidental, uma vez que os processos educativos que dele derivam promovem a compreensão das múltiplas conexões que ocorrem na localidade como expressões de um espaço particular e irrepetível (Ángel-Maya, 2013).

Nesse sentido, a relevância da educação ambiental não se limita a significar a localidade como um enclave de práxis (não é pouca coisa), mas também amplia sua capacidade de interpretar o mundo vivo por meio da poesia, que sempre foi um poderoso exercício de reflexão e criatividade. Assim, a poesia é um contrapeso pedagógico à desterritorialização, Deluze e Parnet (apud Haesbaert, 2011, p. 100) afirmam que atualmente o humano é um animal "desterritorializado" porque não está vinculado a um "mundo específico" ao contrário dos outros animais, porém, necessita de territorialização para manter sua coerência. Tal necessidade pode ser suprida pela poesia, pois, por um lado, o território ou localidade é o mundo onde se habita física, psicológica, espiritual e socialmente, e, por outro, através da riqueza da hermenêutica, que subjaz à poesia, significam-se relações e aproximações com o território planetário.

A integração entre educação ambiental, território e poesia abre caminhos na produção de sentido, como diz Delgado (2016, p. 51, tradução nossa), "no espaço geográfico, torna-se visível a essencialidade da natureza, inclusive a do ser humano", questão que poetas e educadores ambientais compreendem e, conseqüentemente, assumem em seus processos reflexivos e criativos.

³ Embora tecnicamente, especialmente do ponto de vista geográfico, os termos território e localidade sejam distinguidos, neste artigo eles são assumidos como sinônimos, uma vez que esses conceitos são usados para aludir indistintamente aos estados em que vivem os poetas e grande parte dos educadores ambientais envolvidos no projeto.

México Ocidental, uma Zona de Experiências Literárias Local-Planetárias

De acordo com as características biogeográficas do oeste do México, vales são desenhados nesta região, forjados pelo eixo neovulcânico e definidos pelos limites das zonas Neártica e Neotropical (local de bipartição ou confluência da vegetação continental do Norte e do Sul). Cidades importantes também estão localizadas nesses locais. Suas populações experimentam o pôr do sol atrás das colinas e no horizonte costeiro todos os dias. A poesia regional dá conta da experiência dos ricos relevos das terras altas e das grandes depressões territoriais e estruturas vulcânicas, bem como dos rios, do escoamento da chuva e da chuva nas cidades, bem como das paisagens esculpidas pelas bordas do litoral e das áreas semiáridas. Essa região preservou, em sua poesia contemporânea, palavras de sua riqueza biocultural, em línguas nativas (purhépecha ou nahua) que ainda são praticadas nas comunidades (Castro, 2020, 2021).

Metodologia

A pesquisa aqui referida baseou-se no desenho hermenêutico-dialógico, que é brevemente apresentado nestas linhas. Em sua elaboração foi necessário construir um coletivo formado por educadores ambientais do país e 13 poetas no total, dos estados de Aguascalientes, Colima, Jalisco e Michoacán. Foram construídas 2 unidades de análise: i) a obra poética dos autores supracitados e ii) o diálogo entre poetas, ambientalistas e educadores ambientais, construído a partir de: uma "Oficina de Pesquisa Poesia-Natureza", uma oficina de apreciação literária e sessões de discussão interpretativa são desenvolvidas entre os membros do grupo de pesquisa e 2 encontros presenciais desses atores, chamado "Encontros de Poesia e Natureza".

É importante destacar, em primeiro lugar, que o estudo da obra exigiu 2 momentos: 1) visitar os 4 estados referidos para adquirir livros de poesia, com os quais se formou um universo de 2.700 poemas; 2) realizar a leitura e a análise hermenêutica lexical e dialógica que exigiram cerca de 20 releituras do corpus de obras. Esses insumos também permitiram a identificação de: i) "entidades" (luz, água, animais, paisagens etc.) do mundo natural contidas nos poemas; ii) sentidos poéticos da poesia (dos quais se destacam aqui os que se referem à localidade); iii) bem como a evidência de ecossistemas, paisagens e locais ou lugares que formam a identidade estética ambiental e que desencadeiam a produção simbólica poética no oeste do México. A análise limitou-se à presença da natureza nos poemas, quando faz parte das figuras literárias, ou do sentido da obra.

Em segundo lugar, e com relação ao processo dialógico entre poetas e ambientalistas, foram utilizados dois elementos centrais: 1) anotações etnográficas e 2) registro do processo de interlocução "de qualidade" (não incidental, mas planejado e sistemático) entre os referidos sujeitos), que foi composto por 10 momentos agrupados em 3 etapas: i) "pré-alimentação", composto por um documento com a análise preliminar de toda a obra coletada e compartilhada com os poetas; ii) "contato", que se deu por meio de diversos eventos coletivos entre poetas e ambientalistas; e iii) "reflexão" pela equipe de pesquisadores e funcionários (que resultou em uma tese de doutorado), etapa em que foram aprofundadas a interpretação do trabalho e os resultados do diálogo. A função do longo processo de trocas consistiu na formação de alteridade horizontal entre os sujeitos participantes do projeto.

Os referidos registros etnográficos e o processo de diálogo de "qualidade" permitiram reconhecer duas coordenadas na trajetória da pesquisa: a sincrônica e a diacrônica. A partir do primeiro registro, foram obtidas descrições sobre a dinâmica do projeto e os momentos-chave na relação entre ambientalistas e poetas. Com o segundo, e mais importante, contém o desdobramento de consensos e dissensos, reflexões e discussões que ponderam a poesia como instrumento, como meio social e pedagógico, em meio a uma reconhecida policrise derivada da degradação planetária e do modelo dominante de civilização.

A interpretação educacional-ambiental foi apresentada não apenas na hermenêutica, mas também no diálogo entre os atores e, neste artigo, expressa-se de forma mais abundante.

Resultados

1. Na obra poética

Na poesia do oeste do México, composta pelos estados de Aguascalientes, Colima, Jalisco e Michoacán, a presença da natureza é relevante: está explícita em 57% dos títulos dos livros de poesia revisados e em 47% dos títulos dos poemas ou primeiros versos quando o poema carece de título. Em relação à frequência de referências à natureza em geral em cada estado, que aparece na obra poética, temos o seguinte percentual: Aguascalientes, 72%; Colima, 58,82%; Jalisco, 65; e Michoacán, 31,25%. É impressionante que o estado de Aguascalientes, considerado o menos biologicamente diverso de todos, tenha o maior percentual de referências específicas, em contraste com Michoacán, que é o mais diverso e tem o menor número de referências explícitas em suas obras.

Nessa região, os poetas explicitam 58 lugares ou sítios característicos. Assim, aludem à significativa proeminência dos territórios, que por si só evocam uma emoção, como evidenciado a seguir:

- Aguascalientes, existem 7 espaços com distinção de ecossistema: ilha, deserto, mar, vulcão, flamaral, universo e Huéhuatl.
- Colima, 12 lugares são mencionados. Os costeiros são descritos em detalhes cuidadosos: o mar aberto, a praia, a praia selvagem, a baía, o vale, os trópicos, o rio, o riacho, o pomar, o abismo, a montanha, o mundo transparente [alusão à água], a floresta e Manzanillo [localidade específica].
- Jalisco, realiza 20 locais que refletem sua riqueza, especialmente a concedida por suas bacias: a Bacia, chapalensis [alusão ao Lago Chapala], o lago, a ilha, as colinas, o rio, o riacho, a montanha, o mar, a praia, os oceanos, a pedra, a selva, a cordilheira, os trópicos, o quintal, os desertos, o abismo, Os campos de luz, a neve, a lama, a lagoa, a floresta de bambu.
- Em Michoacán, 19 lugares são nomeados: o gêiser [alusão à sua riqueza geotérmica], o vale, as montanhas, o lugar dos pescadores, a floresta, a neblina, o mar, a cidade natal, a terra estéril, as montanhas, o parque, os trópicos, o iceberg, a pedra, os desertos, o riacho, a colina e o calçadão.

Da mesma forma, observa-se que existem sítios peculiares, que só aparecem em uma entidade, por sua riqueza específica ou pelo desejo por eles e sua experiência única: em Aguascalientes, o vulcão; em Colima, a praia selvagem, a selva, os trópicos; no estado de Jalisco, o quintal, a neve, a lama [alusão ao pantanal]; no estado de Michoacán, aparecem os gêiseres, a floresta nublada, o calçadão, o parque [referindo-se à importância dos parques nacionais naquele estado].

Fala-se também de espaços pouco específicos, mas que expressam a experiência comum vivida na região: a terra, o mundo, a paisagem, o paraíso, o jardim.

Núcleos Poéticos do Ocidente

Os núcleos do poema são os enclaves a partir dos quais se desenvolve a proposta da obra, os campos semânticos associados dão conta de sua riqueza. No estudo, foram encontrados 3 núcleos poéticos que refletem a identidade territorial do Ocidente, são eles: luz (natural ou artificial), água (em todas as suas expressões naturais) e paisagens (desses estados do país). Ele

então toma conhecimento de cada um deles; ressalta-se que esses núcleos têm um valioso potencial pedagógico, pois são um convite à leitura, além de criarem símbolos que promovem a apropriação do território por meio do que se propõem.

a) A Luz

Há 72 termos associados à luz na poesia contemporânea do oeste do México. São eles: amanhecer, luz, amanhecer, aparelho petrolífero, arco-íris, queimaduras, sol, crepúsculo, aurora, flare, brilho, claridade, claro, constelação, crepúsculo, crepúsculo, faísca, dia, eclipse, ignição, luz, matagal, estrela, estrela, estrela, farol, lanterna, lanterna, poste, chama, foco, fogão, fóton, fogo, gás neon, iluminar, incandescência, fogo, iridescência, lanterna, estrela, luzes, fogo, luminosidade, luminoso, lua, luz, luz elétrica, madrugada, manhã, meio-dia, noite, noite, pôr do sol, escuridão, escuro, outono, melancolia, prisma, projeção, relâmpago, reflexo, relâmpago, brilho, cintilante, sol, solar, ensolarado, sombra, noite, escuridão, vela.

• Riqueza poético-pedagógica do campo semântico da luz:

A luz é o núcleo temático da natureza que mais se destaca, devido à frequência e ao número de diferentes formas de se referir a ela. A riqueza experiencial da luz designa diferentes momentos de acordo com matizes, brilho ou mesmo sombras. O sol é o primeiro símbolo da natureza com que ele poetiza. Com ela, a sombra, o calor e a escuridão são experimentados e metaforizados. Na experiência poética do oeste do México, a luz do sol nos une ao mundo vegetal, à água transparente e às complexas redes formadas pelos oceanos e florestas para temperar a terra. Agora, a luz também alcança outras profundezas de discernimento, de modo que está presente nas profundezas do amor, da espiritualidade ou da plenitude humana. Na luz, 8 sentidos poéticos podem ser observados: a luz inevitável (luz inescapável que nos descobre durante o dia); a luz que é domada; o que é fusão; está na hora; cor; amor; verdade intelectual e espiritual; e o que existe por contraste (alegria e alegria; plenitude e morte). Expressa-se poeticamente em 60 formas, cada uma com suas possibilidades de sentido.

Isso mostra que os territórios que os poetas incorporam em suas obras não são apenas iluminados pela luz, mas são construídos a partir dela. Contemplar a luz, nesta região onde o sol "jaz" atrás das colinas ou do horizonte do mar, é típico destas terras.

b) A água

O campo semântico da água foi composto por 47 termos: Água, aguaceiro, riacho, baía, tubo, cascata, canal, congelamento, riacho, cristalino, poça, dilúvio, lagoa, gotas, granizo, torneira, hidratação, humidade, furacão, inundação, suculento, lago, lágrimas, líquido, costa, chuva, primavera, mar, maré, marinho, molhado, naufrágio, navegar, neve, nuvens, oceano, onda, onda, praia, rio, rio, rio, rio, salpico, tempestade, tempestade, turbión (aguaceiro).

• Riqueza poético-pedagógica do campo semântico da água

A água é aludida 321 vezes e é nomeada de 47 maneiras diferentes. É poetizada em todas as formas como se manifesta. Entre eles, destaca-se o mar. Os poetas ampliam as possibilidades de sentido que o mar tem na cultura mexicana, embora o mar seja o campo semântico menos variado. Isso significa que a experiência do mar, entre os poetas, vem do encontro feliz desde a infância. É através dele que começamos a entender a plenitude. A proximidade territorial ou distância do mar gera emoções diferentes, por exemplo, é desejo para quem anseia por ele à distância ou é sofrimento alegre para quem vive na sua proximidade. Assim, Aguascalientes, a entidade mais interna do continente mexicano, anseia pelo mar e suas paisagens. No estado de Jalisco, com uma zona costeira, referir-se ao mar é falar sobre a experiência da viagem rodoviária que é descoberta após uma curva. E para Colima, o estado que tem um litoral largo, o mar será um com a luz. A paisagem será vivida como uma sobrecarga à tarde e como uma festa noturna de sons aquáticos e animais.

Em Michoacán, a principal experiência com a água não é salgada, mas fresca, continental. Sua poesia refere-se a lagos e rios por seus nomes próprios.

A evocação da água no oeste do México dá sentido a 6 possibilidades simbólicas: nostalgia; origem e tempo; sensualidade; à cidade; ao cotidiano íntimo; e a que satisfaz a poesia. A água, então, é um elemento inerente à localidade, gera identidade e os territórios não seriam plenamente compreendidos sem ela.

c) A Paisagem

O campo semântico da paisagem desenvolveu 55 termos: abismo, riacho, baía, floresta de bambu, floresta nublada, floresta, campos de luz, colina, colinas, cordilheira, bacia, chapalensis, desertos, lama, lagoa, gêiser, iceberg, ilha, jardim, lago, lugar dos pescadores, calçadão, Manzanillo, mar aberto, mar, montanha, montanha, montanha, mundo transparente,

mundo, nevoeiro, neve, oceanos, paisagem, paraíso, parque, pedra, praia selvagem, praia, cidade natal, riacho, rio, selva, montanhas, terra estéril, terra, quintal, trópicos, vale, pomar, vulcão.

Entende-se que as referências dos sítios ou do complexo paisagístico também são construídas com os animais e plantas típicos dessa região. Nesse sentido, a identificação de tais modos de vida na poesia do oeste do país dá conta da identidade natural destacada pelos autores revisados e a partir da qual também elaboram reflexões e expressões poéticas.

Nomes próprios dos sítios foram encontrados nos títulos das obras ou nos primeiros versos, especialmente dos estados de Michoacán e Jalisco, o que representa uma riqueza do ponto de vista da ecocrítica (Binns, 2004), uma vez que destaca o registro nominal como parte de uma luta voltada para dar concretude e, portanto, experiência às ideias que foram abundantes na produção moderna da literatura. Contribui para o reconhecimento das localidades que compõem o planeta.

- **Riqueza poético-pedagógica do campo semântico da paisagem:**

Esse campo semântico é enriquecido pela presença de outros temas como água, animais e luz; mas difere deles no complexo do conceito relacional que a paisagem tem.

É por isso que através da paisagem você experimenta a complexidade e a mudança na natureza. Estar à sua frente é participar da sua forma e do seu movimento a partir de dentro, porque na poesia ele evoca ao leitor o que é mais apreciado: a experiência que acontece no território local e na dos afetos que são estampados como sensações de enraizamento e nostalgia.

d) Os Animais

Foram identificados 65 termos do campo semântico: águia, axolote, aranhas, pássaro, vespa, baleia, bisão, coruja, canário, caracol, mockingbird, beija-flor, coiole, elefante, besouro, fauna, besta, foca, gazela, galo, gato, gaivotas, andorinha, pardal, grilo, verme, formiga, inseto, onça, larva, leoa, lebre, vagalume, água-viva, monarca, moscas, mosquito, morcego, nauyaca, ovelha, pássaro, pombo, bando, peixe, pelicanos, cães, peixe, peixe, pinguim, mariposa, potro, sapo, rato, rinoceronte, savana, salmão, gafanhoto, cobra, macacos, coruja, tigre, sapinho, touro, tartaruga, veado, vertebrados.

- **Riqueza poético-pedagógica do campo semântico dos animais:**

A obra poética do Ocidente refere-se aos animais em sua territorialidade. Acompanham os poetas na admiração e na imersão local. Em primeiro lugar, há aves, mamíferos e depois animais aquáticos. Nesta categoria, o território é reconhecido com surpresa ao nomear cada um dos 65 animais. No entanto, na poesia analisada, há animais que se apresentam como um exército de uma única face, próximos, com surpreendente familiaridade, são eles: insetos e aracnídeos. Grilos, mosquitos, moscas, borboletas e vagalumes são especialmente incluídos para registrar esperança, desesperança ou desespero.

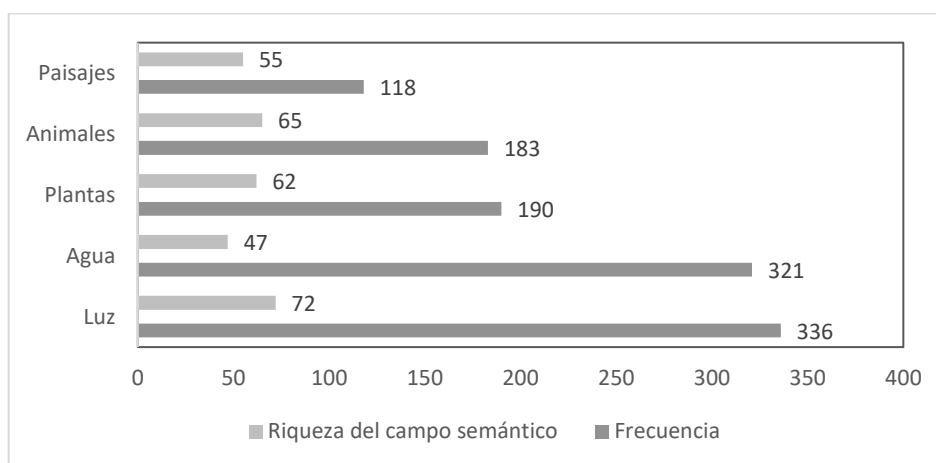
- e) **A Vegetação**

62 referentes compõem este campo semântico: ahuehuete, amêndoa, papoula, árvore florida, bosque, árvores, murta, botão, buganvílias, cedros, ciprestes, ameixa, clorofila, coroa, casca, pêssago, carvalhos, videira, bower, espiga, flor, folhagem, cinza, fruto, frutas, galeanas, girassol, goiabas, grama, folhíça, folhas, jasmim, madeira, milho, mesquite, noqueira, orquídea, parota, penca, pétalas, pinheiro, pirul, plantas, protoplasma, raízes, raiz, ramo, rosas, sementes, tabachín, trigo, trunco, uva, caule, vegetação, vegetal, yerba.

- **Riqueza poético-pedagógica do campo semântico das plantas:**

Na poesia do Ocidente, aludem-se às plantas nativas ou plantas dessas latitudes. Os poetas aludem a uma variedade de plantas, com maior ou menor especificidade, embora seja possível identificar flores e frutos silvestres da região que pertencem a algumas paisagens características. Mas são as árvores que aparecem mais significativamente, de acordo com a frequência. Essa poderosa referência compõe 30% das plantas presentes na experiência dos poetas.

Gráfico 1 – Categorias e frequência de "entidades da natureza" segundo seu campo semântico, na poesia do México ocidental



Legenda: Paisagens; Animais; Plantas; Água; Luz; Riqueza do campo Semântico/ Frequência;
 Fonte: Elaborado pelos autores.

Esses dados confirmam que a natureza contém campos semânticos ao alcance da experiência da vida cotidiana, que a arte literária utiliza para desdobrar grandes possibilidades poéticas e vivenciais. Na parte ocidental do México, eletricidade e água são referências de sensibilidade inesgotável presentes nas localidades.

2) Diálogo com os poetas

A partir do processo dialógico construído em 10 momentos, obtêm-se esses resultados discursivos:

- **A região é de grande importância na vida de poetas e criações poéticas.**

O México Ocidental oferece territórios que moldam a paisagem interna de cada poeta. As paisagens são captadas como experiências no trabalho poético regional. Os poetas internalizam as forças extraordinárias da natureza presentes nessa área e com elas também criam símbolos, através dos quais o mistério aparece, e os transformam em insumos para encalhar reflexões sobre o ser humano e suas conexões. Na referência ao território, destacam-se locais de vivência cativante, tais como:

Espaço rural. Para os poetas participantes da pesquisa, a infância tem uma memória rural ligada à intensidade dos afetos, do gozo, da autodescoberta corporal, do impulso sexual, da força de vontade, do perigo, do temperamento e da exploração de limites. Admitem, no entanto, que algumas imagens poéticas provêm da descoberta dos mistérios da natureza em fases

posteriores da vida, fora da cidade. Eles reconhecem que têm uma ideia romântica da vida rural e do contato com a natureza que esses locais proporcionam.

A cidade. Os autores admitem, com autocrítica, que sua visão de vida é predominantemente mediada pela cidade. As cidades onde vivem significaram infinitas possibilidades de afeto e ruminação sobre a cultura contemporânea. Os menos otimistas denunciam a indiferença das sociedades urbanas em cultivar a nostalgia do desaparecimento dos espaços naturais que outras gerações vivenciaram. Eles concordam que a construção de shopping centers mexeu com o conceito de beleza entre os urbanistas, acostumando-os à arquitetura da simplicidade estética. Essas obras ignoram, ocultam e silenciam expressões nativas da natureza nesta região. A incipiente *consciência ambiental* sucumbe à construção desses espaços de consumo, que incluem o chamado "mercado verde", sem encontrar resistência da população.

A partir desse olhar crítico, os escritores buscam superar os valores da cidade da qual participamos da cultura atual. Em congruência, ativam a produção de símbolos que dão sentido à vida e, nesse processo, tornam a natureza presente nesses lugares tão modificada e artificial quanto as cidades.

A localidade. Os autores afirmam que a localidade alimenta a poesia, pois fornece um objeto ao qual a sociedade está ligada e cresce em suas implicações. A poesia, argumentam, reflete a valorização da comunidade pelo entorno. Por isso, eles conhecem os nomes de árvores, lagos e outros animais característicos. Ao escrever, os poetas não podem prescindir da natureza como símbolo, razão pela qual mergulham na localidade, tarefa cada vez mais difícil devido à degradação e desaparecimento dos espaços naturais.

Finalmente, na região oeste, há traços característicos do trabalho poético ligado à natureza: i) a presença de referências ao mundo natural nas línguas das comunidades indígenas Purhépecha ou Nahuatl; ii) a poesia aprofunda o diálogo com a espécie não humana e com as "entidades da natureza" através da experiência da localidade; iii) A poesia fala com os nomes próprios dos corpos d'água, dos animais que vagam pelo território e das paisagens particulares através dos flashes de luz ou através da água (em suas formas de rios, lagos, gêiseres, neve, chuva) que compartilhamos como experiência familiar. Assim, a poesia gera um triângulo dialógico com a natureza e com seus leitores e amplia as possibilidades de aprendizagem e valorização da localidade, promovendo um exercício pedagógico para melhorar a relação com ela. Por fim, o diálogo de qualidade que se deu entre poetas e ambientalistas, por meio de

diferentes momentos coletivos, permitiu explorar as relações entre poesia e natureza, de modo a detonar uma perspectiva altamente educativa para ampliar o escopo pedagógico.

Implicações educacionais dos resultados

A partir do exercício hermenêutico envolvido, confirma-se que a poesia, em sua elaboração e em sua leitura, tem uma função cognitiva que possibilita um conhecimento subjetivo com o qual se produz uma riqueza de sentidos da natureza. Isso contribui para uma maior significação do território onde é habitado. Essas funções cognitivas também nos permitem passar da observação para a contemplação, e compreender a alteridade humana e não humana. Em outras palavras, a poesia fornece a sensibilidade necessária para abandonar noções ultrapassadas de natureza (com uma visão antropocêntrica) e construir a "Grande Assembleia Democrática" proposta por Latour (2017), que envolve, entre outras práticas, o desenvolvimento de tarefas éticas e políticas que ampliem a noção de direitos aplicados à espécie não humana.

Metáforas poéticas baseadas na natureza ajudam a significar a localidade como prelúdio para a compreensão da perspectiva coletiva e complexa, como é o caso da "planetização", referência pedagógica para reconstruir a abordagem relacional da natureza.

A herança do enraizamento e do amor pelo território faz com que os poetas semeiem nele suas criações e revelem um estado de espírito que favorece no leitor uma atitude de surpresa, de encontro. Isso possibilita ter uma conexão íntima com a cidade.

A cidade, como substrato da poesia que olha para a natureza, gera uma leitura fecunda sobre: i) a crítica à cultura dominante, ii) o apreço pela vida que está disponível e com a qual somos uma comunidade, iii) a compreensão da alegria, da dor e da reflexão da vida vegetal e animal que recebe os impactos de nossas decisões na vida urbana, iii) a valorização do patrimônio rural para manter viva a vivência de lugares cotidianos onde ainda se mantém uma sabedoria popular de conexão com a natureza, como os quintais das casas, iv) a participação cidadã em defesa das florestas e contra uma leitura desterritorializada das cidades.

Na apreciação da poesia há uma proposta de viver a localidade renovando uma emocionalidade que se conecta com ela, desfrutando-a e surpreendendo-se com sua presença, lamentando sua degradação, assim como a poesia do México ocidental chora o mar, símbolo invulnerável para culturas antigas. Um insumo que, sem dúvida, dará sentido aos dados científicos sobre a degradação desses ecossistemas devido à sua superexploração ou poluição.

Aproximar-se da natureza requer uma certa maturidade e consciência, não só literária, mas também aquela concedida pela tradição humana. A partir daí, os poetas podem expressar suas desilusões com a humanidade e, apesar disso, cantar a vida que se reinventa a partir de pequenos espaços (locais). Assim, a leitura da poesia fortalece a tarefa educativa de construir perspectivas de futuro, esperançosas.

Apesar de a relação entre poesia e natureza mostrar um horizonte criativo, reflexivo, politicamente comprometido com a era atual, tal vínculo ainda é marginal no campo literário. É necessário um processo educativo crítico para tomar consciência do distanciamento da natureza como motivo na poesia, o que não tem ocorrido com a intensidade necessária. Retornar à natureza é, como os autores confirmaram neste projeto, um novo desafio, assumido no interesse de dar uma espessura sensorial à produção estética e à elaboração do discurso político e espiritual que agora envolve falar sobre a natureza. Como se vê, abordar a relação entre poesia e natureza leva tanto a poesia quanto os cidadãos a empreenderem uma tarefa pedagógica que constrói laços afetivos e proativos para vivenciar na localidade específica, expressões de alegria, dor e reflexão sobre uma terra que foi violentada e ferida.

Em outro texto, propusemos que a poesia contribui para a educação em pelo menos 3 sentidos possíveis: i) repensar a existência, pois é um exercício criativo que contribui para interpretar e refletir sobre a realidade e a posição do ser humano em relação a ela; ii) nomear o mundo por meio da linguagem e, assim, injetar sentido nas palavras, bem como promover a exploração de um enorme conjunto de ideias e vocabulário que contribuem para a construção de capacidades discursivas; e iii) fortalecer a denúncia e as possibilidades, ou seja, a poesia é uma arma tanto para revelar a deterioração social e ecológica, como também para enxergar no meio ambiente as potencialidades e não apenas os problemas. A educação pode ter na poesia um motor de valorização da opulência da vida.

Em síntese, confirma-se que a educação ambiental vem se consolidando como um campo comprometido com uma perspectiva complexa em seu núcleo político-pedagógico, estético e filosófico. Sob essa visão, busca: i) compreender a totalidade que nos cerca, para a qual leva em conta as inter-relações entre os diferentes componentes da realidade, diz Carrizosa (2023, p. 161); ii) assumir uma perspectiva ontológica e crítica que oponha correntes educacionais que não confrontam relações de dependência cultural e econômica, segundo Pereira (2023); iii) ajudar os cidadãos a problematizar suas raízes enraizadas em seus próprios territórios, dialogando com sua historicidade, segundo Kassiadou *et al.* (2018, p. 77); iv) articular diferentes disciplinas no processo de inter e transdisciplinaridade, argumenta Martínez

(2012). Além disso, buscar, por meio da organização, emancipação e conhecimento, um poder social capaz de construir transformações substantivas, segundo Toledo (2023). Tais esforços em educação ambiental, em confluência com outros campos, possibilitam promover a reapropriação do afeto, do cuidado, do amor, da ternura em contraste com a reificação da vida que o capitalismo promoveu, como afirmam De Luca e Lezama (2021, p. 495). Nesse contexto, a educação ambiental pode encontrar na poesia, ao lado de outras expressões da arte, produtos que comunicam significados e sentidos materiais e espirituais, cuja incorporação é entendida como um *habitus* coletivo, argumenta Ramírez, Meixueiro, Escobar (2024). Trata-se, então, da possibilidade de a poesia se expandir para contribuir para a geração de uma *Ecologia Política da Esperança*, como a chamam De Luca e Lezama (2012, p. 478).

Conclusões

Na poesia, a natureza é uma referência que encerra a experiência do sutil; E é a fonte dessa inspiração estética. É por isso que os poetas do oeste do México se referem à localidade como um mundo e espaço geográfico habitado por paisagens, plantas e animais com os quais têm uma relação cativante que remete ao passado rural e à busca pela natureza na cidade. Expressões poéticas locais nos fazem compreender a contingência que formamos no sistema planetário.

Ao nomear o território em suas criações, os poetas conferem centralidade à localidade e, talvez sem querer, unem abordagens teóricas, assumidas pela academia e pelos movimentos sociais da América Latina, como a ecocrítica. Ou seja, dão relevância em seus produtos poéticos a lugares cativantes nas paisagens ocidentais, o que significa desvelar uma herança vivencial e poética.

Longe de confirmar que há uma poesia ambiental ou territorial consolidada, natureza e território são lidos poeticamente. Esse núcleo literário, sem o qual a poesia se calaria, tem uma grande força pedagógica para dar direção à reflexão ético-política e emocional da cultura atual, em conexão com o tecido da vida nesse gesto planetário, que é a localidade.

REFERÊNCIAS

- ÁNGEL-MAYA, A. **El Reto de la Vida**. Ecosistema y Cultura, Una Introducción al Estudio del Medio Ambiente. Colombia: Ecofondo, 2013.
- AUGÉ, M. **No lugares, espacios del anonimato**. Una antropología de la sobremodernidad. [S. l.]: Gedisa, 1992. Disponível em: <https://designblog.uniandes.edu.co/blogs/dise2609/files/2009/03/marc-auge-los-no-lugares.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- BINNS, N. **¿Callejón sin salida?** La crisis ecológica en la poesía hispanoamericana. España: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2004.
- CARRIZOSA, J. **Afrontar la totalidad**. Fundamentos para un pensamiento complejo. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2023.
- CASTRO, E. **Naturaleza y poesía en diálogo**. [S. l.]: CIESAS, 2020.
- CASTRO, E. **Naturaleza y poesía en diálogo**. México: Universidad de Guadalajara, 2021.
- DELGADO, G. C. Configuraciones del territorio: despojo, transiciones y alternativas. In: NAVARRO, M. L. Y.; FINI, D. (coord.). **Despojo capitalista y luchas comunitarias en defensa de la vida en México**. Claves desde la ecología política. Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2016.
- DE LUCA, A.; LEZAMA, J. L. La crisis del sistema de la vida. Reflexiones para una ecología política de la esperanza. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. XVI, n. 242, 2021.
- ESCOBAR, A. **Desde abajo, por la izquierda, y con la Tierra**: la diferencia de Abya Yala/Afro/Latino/América. Videoconferencia dictada en el Panel de la Cátedra Jorge Alonso. Guadalajara, 2016. Disponível em: <http://www.catedraalonso-ciesas.udg.mx/sites/default/files/escobarpanel2016.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- ESTEVA, J.; REYES, J. **Manual del promotor y educador ambiental para el desarrollo sustentable**. México: PNUMA/SEMARNAT, 1999.
- HAESBAERT, R. El mito de la desterritorialización. Del “fin de los territorios” a la multi territorialidad. [S. l.]: Siglo XXI, 2011.
- KASSIADOU, A.; SÁNCHEZ, C.; CAMARGO, D. R.; STORTTI, M. A.; COSTA, R. N. **Educación ambiental desde el Sur**. Macaé: Nupem Editora, 2018.
- LATOUR, B. **Nunca fuimos modernos**. [S. l.]: Siglo XXI editores, 2007.
- LATOUR, B. **Esperando a Gaia**. Componer el mundo común mediante las artes y la naturaleza. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/124-GAIA-SPEAP-SPANISHpdf.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2023.

LATOUR, B. **Cara a cara con el planeta**. Una nueva mirada sobre el cambio climático alejada de posiciones apocalípticas. [S. l.]: Siglo XXI editores, 2017.

MARTÍNEZ, M. **El paradigma emergente**. Hacia una nueva teoría de la racionalidad científica: México: Trillas, 2012.

NOGUERA, P. **Pensamiento ambiental en la era planetaria**. Biopoder, bioética y biodiversidad: una interpretación de los desafíos simbólico-bióticos en la aldea global. Colombia: Universidad Nacional de Colombia, 2018.

ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS. **Estado de la Población Mundial 2023**: 8.000 millones de vidas, infinitas posibilidades, argumentos a favor de los derechos y libertades. Disponible em: <https://mexico.un.org/es/228596-estado-de-la-poblaci%C3%B3n-mundial-2023-8000-millones-de-vidas-infinitas-posibilidades>. Acesso em: 02 maio 2023.

PAGÈS, A. Actualidad de la Hermenéutica como Filosofía de la Educación. **Revista española de pedagogía**, [S. l.], v. 74, n. 264, p. 265-28, 2016. Disponible em: <https://reunir.unir.net/bitstream/handle/123456789/5056/Actualidad-de-la-Hermeneutica.pdf?sequence=1&isAllowed=>. Acesso em: 14 abr. 2023.

PEREIRA, V. A. Educação ambiental pós-metafísica. **Cuestiones de filosofía**, [S. l.], n. 32, v. 9, p. 55-77, 2023.

RAMÍREZ, R. T.; MEIXUEIRO, A.; ESCOBAR, O. Incorporación del arte en los procesos de la educación ambiental para la sustentabilidad. Área temática 17: Educación ambiental para la sustentabilidad. In: ARIAS, M. Á.; J. REYES, G. C. **Estados del conocimiento del Consejo Mexicano de Investigación Educativa de 2012 a 2021**. México: COMIE, 2024.

TOLEDO, V. M. **Constelaciones interdisciplinarias**. Décadas de exploración y transformación de la ciencia. Guadalajara: Editorial de la Universidad de Guadalajara, 2023.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Aos poetas: Jorge Orendáin, Raúl Bañuelos, Raúl Aceves, Carmen Villoro, Laura Solórzano, Óscar Tagle, Guillermina Cuevas, Gabriel Govea, Krishna Naranjo, Neftalí Coria, Arturo Chávez, Ricardo Esquer, Arlette Luévano.

Financiamento: Universidade de Guadalajara.

Conflitos de interesse: Não, a investigação não apresentou nenhum.

Aprovação ética: Todas as pessoas envolvidas na pesquisa concordaram explicitamente em ter seu nome nas publicações dela derivadas. Além disso, as instituições envolvidas não identificaram a necessidade de a pesquisa passar por um comitê de ética, dada a natureza do trabalho.

Disponibilidade de dados e material: Livro "Natureza e Poesia em Diálogo" Editorial de Universidad de Guadalajara.

Contribuição dos autores: Coordenadores do projeto de pesquisa, que resultou em tese de doutorado de Elba Castro Rosales.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

